

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

ANA CRISTINA DE ABREU MAZZONI

**ITINERÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPLORANDO OS
MUSEUS DE BELO HORIZONTE**

Belo Horizonte

2020

ANA CRISTINA DE ABREU MAZZONI

**ITINERÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPLORANDO OS
MUSEUS DE BELO HORIZONTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação e Docência, da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação e Docência.

Linha de pesquisa: Ensino da Educação Física

Orientadora: Profa. Dra. Andrea Moreno

Belo Horizonte

2020

M478i T	<p>Mazzoni, Ana Cristina de Abreu, 1985- Itinerários para a educação física escolar [manuscrito] : explorando os museus de Belo Horizonte / Ana Cristina de Abreu Mazzoni. - Belo Horizonte, 2020. 63 f. : enc, il.</p> <p>Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação. Orientadora: Andrea Moreno. Bibliografia: f. 61-63.</p> <p>1. Museu do Futebol -- Aspectos educacionais -- Teses. 2. Museu de Artes e Ofícios -- Aspectos educacionais -- Teses. 3. Museu dos Brinquedos -- Aspectos educacionais -- Teses. 4. Educação -- Teses. 5. Educação física -- História -- Teses. 6. Museus e escolas -- Teses. 7. Ensino visual -- Teses. 8. Museus -- Aspectos educacionais -- Teses. I. Título. II. Moreno, Andrea, 1965-. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.</p> <p style="text-align: right;">CDD- 069</p>
------------	---



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP

UFMG
■

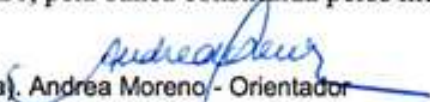
FOLHA DE APROVAÇÃO

ITINERÁRIOS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: EXPLORANDO OS MUSEUS DE BELO HORIZONTE


ANA CRISTINA DE ABREU MAZZONI

Dissertação submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA/MP, como requisito para obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, área de concentração ENSINO E APRENDIZAGEM.

Aprovada em 20 de fevereiro de 2020, pela banca constituída pelos membros:


Prof(a). Andrea Moreno - Orientador
UFMG


Prof(a). Admir Soares de Almeida Junior
EEFFTO -UFMG


Prof(a). Cristiane Oliveira Pisani Martini
PUC-MG

Belo Horizonte, 20 de fevereiro de 2020.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida.

À minha mãe, Lourdes Paiva e ao meu pai Luiz Carlos, que me ensinaram a importância dos estudos, que sempre estiveram ao meu lado em qualquer situação. Obrigada mãe, professora, por ter me ensinado o valor da profissão. Obrigada pai por ter se dedicado a minha formação.

Ao meu irmão André e a minha irmã Luiza pelo apoio.

Ao meu marido Reinaldo Mazzoni pela paciência e compreensão pelas vezes que precisei ficar ausente.

À minha orientadora Andrea Moreno por acreditar que eu seria capaz de chegar até aqui. Pela sua experiência, seus conhecimentos, apoio, interesse e sábias ideias que muito contribuiu para o andamento desse trabalho.

Ao amigo Breno Heleno, que me apresentou o PROMESTRE e insistiu para que eu fizesse o processo seletivo, que no último minuto, não me deixou desistir.

Ao diretor Virgílio, as vices diretoras Ana Cláudia, Shirley, Juliana e Nádia, aos professores, professoras e demais funcionários e funcionárias da Escola Estadual Desembargador Rodrigues Campos por acreditarem no meu trabalho, pelo carinho, auxílio, conselho, contribuição e compreensão no decorrer da trajetória.

Aos meus alunos e alunas, pelas vivências e experiências, sem vocês não seria possível escrever essa dissertação.

Agradeço aos colegas da linha de pesquisa “Ensino da Educação Física”, pelos conhecimentos compartilhados e pelas conversas acolhedoras no grupo de Whatsapp.

Ao professor Admir Soares e a professora Cristiane Pisani pela disponibilidade de avaliar e contribuir com ponderações importantes sobre o andamento da pesquisa, que foram também fundamentais para a concretização da dissertação.

*Ensinar não é transferir conhecimento,
mas criar possibilidades para a sua
produção ou sua construção.
Quem ensina aprende ao ensinar
e quem aprende ensina ao aprender.*

Paulo Freire

RESUMO

O presente trabalho discorre sobre a importância da relação museu, escola e educação para a formação dos alunos e das alunas, uma vez que, apropriar-se dos espaços museológicos pode ser uma grande oportunidade de ampliar o repertório dos discentes e criar um diálogo com a sala de aula. Discuto principalmente como a Educação Física pode entrar nesses espaços, criando possibilidades fora dos muros da escola. Ênfase no decorrer da pesquisa, que os conhecimentos a serem compartilhados nos museus devem ser construídos, analisados e contextualizados, formando uma rede de significados, de modo tal que os alunos e alunas possam perceber e compreender sua pertinência.

Para tal estudo, foram escolhidos três museus de Belo Horizonte: Museu do Futebol, Museu de Artes e Ofícios e Museu dos Brinquedos. Como produto final foi elaborado um guia, com o título: "Itinerário para a Educação Física Escolar: Explorando os Museus de Belo Horizonte" com temas sugestivos relacionados as diversas práticas corporais, a serem trabalhados pelos professores e professoras na escola, no museu e na volta para a escola.

Palavras-chave: Museu, Escola, Educação, Educação Física, Itinerários.

ABSTRACT

This paper discusses the importance of the relationship between museum, school and education for the student's formation, since appropriating museum spaces can be a great opportunity to expand the repertoire of students and create a dialogue with the classroom. I mainly discuss how Physical Education can enter these spaces, creating possibilities outside the school walls. I emphasize during the research, that the knowledge to be shared in museums must be constructed, analyzed and contextualized, forming a network of meanings, in such a way that students can perceive and understand their pertinence. For this study, three museums in Belo Horizonte were chosen: Football Museum, Museum of Arts and Crafts and Museum of Toys. As a final product, a guide was created, with the title: "Itinerary for School Physical Education: Exploring the Museums of Belo Horizonte" with suggestive themes, related to the various body practices, to be worked on by teachers at school, at the museum and back to school.

Keywords: Museum, School, Education, Physical Education, Itineraries.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - INTERVALO DA LEITURA	38
FIGURA 2 - SALA DAS FICHAS.....	38
FIGURA 3 - SALA DA MEMÓRIA	39
FIGURA 4 - SALA ABC DO FUTEBOL	40
FIGURA 5 - OS IMORTAIS DO FUTEBOL	41
FIGURA 6 - DE OLHO NA BOLA.....	41
FIGURA 7 - CAMPOS GERAIS.....	42
FIGURA 8 - FUTEBOL E OUTRAS ARTES	43
FIGURA 9 - OFÍCIOS DO TRANSPORTE.....	50
FIGURA 10 - OFÍCIOS DO COMÉRCIO.....	50
FIGURA 11 - OFÍCIOS DA CONSERVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DOS ALIMENTOS.....	50
FIGURA 12 - CASA MUSEU DOS BRINQUEDOS	52

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
1.1 PASSOS E PERCURSOS	15
2 ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS E EDUCAÇÃO	16
3 MUSEU E ESCOLA	18
4 O QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA PODE FAZER NO MUSEU?	24
5 MUSEUS E SUAS POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA	28
5.1 MUSEU DO FUTEBOL	33
5.1.1 Por que o Museu do Futebol?	33
5.1.2 O Museu do Futebol na escola.....	34
5.1.2.1 Futebol e o torcer.....	35
5.1.2.2 Futebol e profissão	35
5.1.2.3 Os ídolos do Futebol, quem são eles?.....	35
5.1.2.4 Futebol e mídia.....	35
5.1.2.5 História do futebol.....	36
5.1.2.6 Futebol e gênero	37
5.1.3 No Museu do Futebol	37
5.1.3.1 Sala das Fichas.....	38
5.1.3.2 Sala da Memória	39
5.1.3.3 Sala ABC do Futebol	39
5.1.3.4 Os Imortais do Futebol	40
5.1.3.5 De Olho na Bola	41
5.1.3.6 Campos Gerais	42
5.1.3.7 Futebol e Outras Artes	42
5.1.4 O Museu do Futebol na volta para a escola	43
5.2 MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS – MAO	44
5.2.1 Por que o Museu de Artes e Ofícios?	44
5.2.2 Museu de Artes e Ofícios na escola	45
5.1.3.8 Educação física e saúde, qual o significado de ser saudável?	46
5.1.3.9 Concepções de corpo; o corpo na história da humanidade	47
5.1.3.10 Relação do corpo e do trabalho	47
5.1.3.11 Relação entre trabalho e lazer	48
5.2.3 No Museu de Artes e Ofícios.....	49

5.2.4 O Museu de Artes e Ofícios na volta para a escola.....	51
5.3 O MUSEU DOS BRINQUEDOS.....	51
5.3.1 Por que o Museu dos Brinquedos?	53
5.3.2 O Museu dos Brinquedos na escola.....	54
5.3.3 No Museu dos Brinquedos	55
5.3.4 O Museu dos Brinquedos na volta para a escola	56
6 PRODUTO.....	58
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS	61

1 INTRODUÇÃO

Ainda criança, o desejo de ser professora me acompanhava, não sabia qual disciplina, mas tinha certeza de que um dia seria professora. Minha mãe, professora formada em Letras (português), lecionava para alunos e alunas do ensino fundamental I, sempre foi meu exemplo. Nossa casa parecia uma escola, ela ensinava crianças e adultos a ler e a escrever e eu estava ali, atenta a tudo.

Sempre com lápis e cadernos nas mãos, minha brincadeira favorita era brincar de escolinha. Minha experiência escolar iniciou-se aos cinco anos no primeiro ano do ensino fundamental e desde então não parei mais de estudar.

Em 2003 decidi a carreira profissional: seria professora de Educação Física - escolha que surgiu depois de algumas experiências com a dança. Ainda adolescente, tive a oportunidade de trabalhar no programa “Escola Aberta”, onde ensinava a crianças, jovens e adultos, diferentes estilos de dança. Essa experiência reforçou ainda mais o meu desejo de ser professora. Pela afinidade com essa prática corporal, decidi o que ainda era dúvida sobre qual matéria lecionar.

Ingressei no ensino superior em julho de 2004, no Instituto Superior de Educação Anísio Teixeira da Fundação Helena Antipoff, curso de Educação Física (Licenciatura). No decorrer do processo de ensino, pelos conhecimentos partilhados nas aulas, por ter tido professores que me fizeram entender a importância da disciplina na escola, descobri que a dança faz parte dos conteúdos a serem ensinados. Sendo assim, minha relação com a Educação Física Escolar ficou intensa. Não foi sem surpresa que isso aconteceu, afinal, não tive uma boa experiência com a disciplina no ensino Fundamental II e Ensino Médio. Os saberes e experiências iniciais na Educação Física eram mínimos, reduzidos basicamente ao futebol e ao jogo de queimada. No Ensino Médio, as aulas eram separadas por gênero: uma professora para as meninas e um professor para os meninos. Em relação a minha prática, sempre ficava excluída por não possuir habilidades para os esportes. Até tentava jogar, mas era difícil. Sempre era a última a ser escolhida pelos times. Durante o jogo, não recebia a bola, ficava apenas “fazendo número” na quadra. Em momento algum havia intervenção da professora para alterar essa vivência.

Não enxergava nenhum sentido nas aulas de Educação Física, principalmente por não me sentir valorizada e incluída. Dedicava às demais disciplinas, pois essas, em minha maneira de pensar na época, tinham conteúdos importantes a serem aprendidos. E foi assim durante todos os anos, até concluir o Ensino Médio.

Foi no curso de Educação Física que aprendi, entre tantas outras coisas, a importância de valorizarmos todos os alunos e alunas, independentemente de suas habilidades. Aprendi a valorizar o processo de inclusão, a participação de todos e o rico acervo de práticas corporais a serem ensinadas e experimentadas. Aprendi, sobretudo, que de fato, a Educação Física é uma disciplina tão importante quanto às outras.

A partir do momento que fui descobrindo que a Educação Física era muito mais do que havia aprendido, afirmei que me dedicaria à Educação Física escolar. A ideia era me formar e valorizar a disciplina. O desejo era fazer com que os meus alunos e minhas alunas pudessem ter uma experiência diferente da que eu tive. E assim tudo foi acontecendo.

No segundo semestre de 2008, após a conclusão do curso, tive minha primeira experiência docente. Trabalhei em uma escola estadual, atuando no Ensino Fundamental I. Mesmo sabendo que enfrentaria vários desafios, meu desejo de proporcionar uma Educação Física de qualidade para os alunos e as alunas foi reafirmado.

Em outubro de 2008, já decidida sobre o caminho na profissão, ingressei no curso de pós-graduação em Educação Física Escolar pela Universidade Gama Filho. As aulas no curso foram de extrema importância e um complemento a tudo que havia aprendido na graduação.

Nas minhas experiências docentes, enfrentava a dificuldade de proporcionar diferentes conhecimentos para os alunos e para as alunas. A maioria enxergava a Educação Física como um momento de recreação, aula livre, de jogar futebol ou queimada, apenas o fazer pelo fazer sem nenhuma reflexão sobre o conteúdo. A todo o momento, ficava me perguntando o porquê dessa visão por parte dos alunos e das alunas. Como e onde haviam adquirido essa perspectiva da aula de Educação Física? Mesmo com todos os desafios, penso que consegui mostrar a eles a importância da disciplina, oferecer diversos conhecimentos e reflexões sobre

as práticas corporais, proporcionar experiências em que todos seriam capazes de vivenciar, cada um com suas habilidades.

Como era professora designada, a cada ano, estava em uma escola diferente, mas sempre com o mesmo propósito. Foi no ano de 2015 que me tornei professora efetiva da Rede Estadual de Educação e desde então sigo com minhas convicções relacionadas à disciplina. Busco trabalhar as diversas práticas corporais em suas diferentes dimensões, desenvolvendo uma aprendizagem significativa e que esteja de acordo com as necessidades dos alunos e das alunas.

A ideia de elaborar a pesquisa vem ao encontro de minhas experiências. Desde que saí da graduação e passei a lecionar, procuro fazer com que os alunos e as alunas enxerguem a importância da Educação Física Escolar e o quão rico são os conteúdos a serem trabalhados. Digo isso, pois o que mais encontrei foram alunos e alunas resumindo a disciplina à somente prática esportiva coletiva, principalmente o futebol.

Quero deixar claro que não se trata de negar o esporte, mas considerá-lo como uma das manifestações da cultura corporal que deve ser tratado nas suas dimensões históricas, sociais, culturais, políticas, entre outras. Além disso, mais do que estimular a prática de uma determinada modalidade esportiva, a Educação Física tem a função de permitir que os alunos e as alunas vivenciem outros conteúdos que fazem parte da cultura corporal como os jogos e brincadeiras, as lutas, as ginásticas, as danças, as atividades circenses, entre outras.

Como professora de Educação Física em minha prática docente, busco trabalhar as práticas corporais em todas as suas dimensões, sendo assim, essa experiência me diz que a educação formal precisa criar diferentes oportunidades de ensino para os alunos e para as alunas.

Sempre tive como objetivo contribuir para que o aluno e aluna conheçam, experimentem e discutam criticamente, as práticas corporais, podendo agir autonomamente em relação às suas vivências. Alcançar esse objetivo, nem sempre foi tarefa fácil e por esse motivo, senti a necessidade de me qualificar, procurando novos estudos.

Após dez anos da minha graduação, cheguei ao mestrado profissional que permitiu qualificar minha formação, ampliando as possibilidades de ação com a Educação Física Escolar.

Em decorrência do exposto, chego então ao tema dessa dissertação que corrobora com meus objetivos docentes.

1.1 Passos e percursos

Para realizar esse estudo, fiz uma revisão bibliográfica, buscando diferentes autores que tratam do tema proposto. O trabalho foi organizado em sete capítulos. Este primeiro, a introdução, seguido de mais seis capítulos.

No segundo capítulo abordo sobre as relações entre espaços museológicos e educação. Apresento definições de museu, discutidas por diferentes autores. Posteriormente, trato sobre a educação e como esses espaços se relacionam.

No terceiro, contextualizo a relevância da relação museu e escola e como os professores e professoras podem explorar esses espaços de maneira crítica e não apenas utilizando-o como um local de visitaçãõ.

No quarto capítulo reafirmo minhas concepções em relação à Educação Física Escolar para posteriormente justificar sua presença nos espaços museológicos.

No quinto capítulo, apresento os museus escolhidos para a presente pesquisa, suas histórias e seus acervos e as potencialidades desses locais para a Educação Física Escolar. A partir disso, sugiro temáticas que se relacionam com os museus e a disciplina. A proposta é que a visita comece na escola, vá para o museu e volte para a escola.

No sexto capítulo, anuncio o produto que é resultado final dessa pesquisa e que se encontra como apêndice.

Ao final, no sétimo capítulo, apresento as considerações finais.

2 ESPAÇOS MUSEOLÓGICOS E EDUCAÇÃO

No seu contexto histórico, os museus tiveram origem a partir do colecionismo. Desde a antiguidade, o ser humano, por infinitas razões coleciona objetos e lhes atribui valor afetivo, cultural ou até mesmo material, justificando a necessidade de sua preservação ao longo do tempo.

Os museus estão presentes em todo o mundo e eles recebem diferentes nomes que variam em função do tipo de coleção que neles se apresentam. Temos os museus históricos, os museus de ciências, os museus de arte, os ecomuseus¹, as cidades museus e ainda os museus virtuais.

O Conselho Internacional de Museu (2001), define museu como uma instituição permanente, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberta ao público e que adquire, conserva, investiga, difunde e expõe os testemunhos materiais do homem e de seu entorno, para educação e deleite da sociedade.

Os museus foram pensados como instituições de ensino. Locais onde se acessa um conjunto de objetos com a intenção de obter informações sobre determinado tema ou assunto. São educativos, pois exercem sua função educativa na sua relação com o público realizando uma comunicação dialógica e reflexiva em seu discurso próprio, possibilitando a construção de uma relação renovada dos sujeitos com os objetos.

Um discurso é uma forma de dizer, ou seja, é o modo como se diz numa situação de comunicação, nesse caso, do museu com os seus públicos. Por exemplo, cada museu tem uma forma de apresentar temáticas e discussões, de dispor os objetos, numa tal sequência escolhida, à altura ou não dos olhos do transeunte, com redoma ou não, pendurado ou não... Enfim, há uma preparação prévia do museu para o convite do olhar e da compreensão da comunicação pretendida (PEREIRA et al 2009, p. 24).

Dessa maneira, podemos entender que os museus possuem uma organização própria inovando e assumindo desafios para novos diálogos com os

¹ Neste tipo de museu, membros de uma comunidade tornam-se atores do processo de formulação, execução e manutenção do próprio museu. Seu idealizador Georges-Henri Rivière, definiu o conceito em um artigo de (1976) - "Définitions de l'ecomusée". Os conceitos fundamentais da ecomuseologia são três: o de território musealizável, o conceito amplo de patrimônio cultural composto por bens materiais, imateriais e naturais e o conceito de comunidade participativa.

diferentes públicos, por isso devemos romper com a representação de que os museus são instituições estáticas e “lugar de coisa velha”, apesar de encontrarmos, ainda, essa representação em alguns, muitos outros museus vêm repensando seu papel, a sua relação com a memória e com o público, descobrindo o seu amplo potencial comunicativo.

Segundo o Instituto Brasileiro de Museus (IBRAM), museu é o lugar onde sensações, ideias e imagens de pronto irradiadas por objetos e referenciais ali reunidos, iluminam valores essenciais para o ser humano. É um espaço onde se descobre e se aprende. Nele se amplia o conhecimento e se aprofunda a consciência da identidade, da solidariedade e da partilha. De acordo com Desvallées e Mairesse, (2013, p. 65) conforme citado por Mensch (1992), “o museu é uma instituição museal permanente, que preserva as coleções ‘documentos físicos’ e produz conhecimento a partir deles”. Podemos entender então o museu como um “lugar de memórias” que possibilita o encontro da educação com a cultura.

Deve-se levar em consideração, que no diálogo entre educação e cultura é importante formular diretrizes e estratégias, bem como reafirmar o compromisso com a construção da cidadania e com o aprendizado. Nesse contexto, os museus possibilitam diferentes experiências, como por exemplo, o contato com o objeto de estudo, e a apresentação interativa da temática (COELHO, 2009, p.35).

Sendo assim, podemos considerar o museu como um importante espaço para despertar a curiosidade, estimular a reflexão e o debate, promover a socialização e os princípios da cidadania.

Segundo Pereira et al (2009) a instituição museológica é um lugar dinâmico também para seus profissionais. É um lugar vivo, em que emergem propostas, ações e uma pluralidade de significados produzidos pelos públicos em seus momentos de interação.

Os museus vêm expandindo seu campo de ação para além da tradicional prática de guardar, pesquisar e expor seus acervos, estruturando ações educativas de recepção do público escolar, visando não só ampliar, mas formar novos públicos, tendo em vista que os resultados da educação derivam não somente da acumulação, mas também da interação de experiências, que ocorrem em ambientes diversificados. A articulação entre

espaços formais e não formais de educação se revela como importante instrumento de construção do saber, visto que o que se aprende em determinado espaço pode ser reforçado em outro (ALMEIDA, MOREIRA, 2015, p 172).

Com grande potencial educativo, os museus podem ser ambientes favoráveis para o desenvolvimento de novas experiências, propiciando o afloramento da sensibilidade estética, num processo aberto de comunicação que permite a cada pessoa explorar, sentir, pensar, tocar de modo singular e autônomo (SCHALL, 2003, p. 20).

A educação é uma das principais funções dos museus, pois são espaços de conexão entre ciência, cultura e sociedade. Tem como papel informar por meio das exposições, despertando a curiosidade e de certa maneira estimulando a reflexão.

Pereira et al. (2009) descreve os museus como ambientes culturais e educativos que pretendem educar por meio da sensibilização e cultivam a comunicação e produção de significados a partir de seus objetos, exposições, propostas educativas e outras. São também territórios de educação do olhar, pois neles são encenados gestos, sentidos e movimentos imaginativos diversos. Como lugar de grande contribuição histórica, os museus podem estabelecer diálogos diferenciados entre alunos e alunas, professores e professoras, diversificando as fontes de aprendizagem, que dizem sobre uma determinada cultura ou período histórico, tornando-os locais de pesquisa e cidadania.

Pensar o museu como um espaço educacional, significa criar meios necessários para a formação e o desenvolvimento dos alunos e das alunas e de suas próprias capacidades, valorizando uma aprendizagem que extrapola os muros da escola interagindo com a cidade e suas múltiplas dimensões. A educação museal pode ser pensada como um processo formativo que colabora para o crescimento do indivíduo não só enriquecendo as experiências educativas, como também ampliando as oportunidades de aprendizagens e a diversidade de estímulos aos estudantes.

A ideia da educação museal, converge para o conceito de educação integral, que prevê, entre outras coisas, a construção do conhecimento a partir da integração escola com equipamentos públicos que estimulem a aproximação de alunos e de alunas com atividades extracurriculares. Pensar a educação integral é

entender que o aluno não aprende só no ambiente escolar, sendo assim, a escola pode explorar outros espaços, incluindo os museus como possibilidade de experiências educativas. Além disso, pensar também nesse conceito da formação integral do sujeito em todas suas dimensões: intelectual, física, emocional, social e cultural como objetivo à formação de sujeitos críticos e autônomos.

A educação museal pode ser definida como um conjunto de valores, de conceitos, de saberes e de práticas que têm como fim o desenvolvimento do visitante; como um trabalho de aculturação, ela apoia notadamente sobre a pedagogia, o desenvolvimento, o florescimento e a aprendizagem de novos saberes. (DESVALLÉES E MAIRESSE, 2013, p.38)

Quando falamos em educação, logo nos referimos aos conhecimentos que pretendemos ensinar, colocando os saberes em movimento para desenvolver diferentes valores como físico, moral, intelectual, científico entre outros, visando suscitar a curiosidade e conduzir os indivíduos à interrogação e ao desenvolvimento de reflexões, pensando principalmente nos quatro componentes do domínio da educação: o saber, o saber fazer, o ser e o saber ser.

A noção do museu como um espaço educativo vem crescendo ao longo do século, sendo um importante local de reflexão. Apenas visitar uma exposição e apresentar um conteúdo que será mais um conteúdo acumulado, não basta para que um processo educativo se solidifique. É preciso ir além disso. É necessário suscitar a criatividade, o questionamento, a reflexão crítica e a busca de um novo fazer.

3 MUSEU E ESCOLA

Museus e escolas são instituições sociais que possuem histórias, linguagens, propostas educativas e pedagógicas próprias. São espaços que se interagem e complementam-se mutuamente e ambos são imprescindíveis para formação do cidadão.

Entendo a escola como lugar onde os alunos e as alunas, enquanto atores sociais, têm acesso a variados conteúdos curriculares que são organizados para efetivar a aprendizagem. É necessária a mediação entre o conhecimento prévio dos alunos e das alunas e o conhecimento formal sistematizado, o que possibilita formas de acesso ao conhecimento.

Para Lorenzetti e Delizoicov (2000) apud Nascimento et al (2016) sabe-se que a escola é a principal instituição social responsável nas sociedades contemporâneas em promover e garantir acesso sistematizado ao conhecimento, porém faz-se necessário que a instituição escolar seja pensada e entendida como um espaço em que exista uma reflexão crítica acerca das implicações desse conhecimento.

É fundamental que a escola busque ampliar as oportunidades de conhecimentos para os alunos e para as alunas, apoiando atividades educativas extracurriculares como, por exemplo, a visita a museus, que não só enriquecem as experiências educativas como também ampliam a diversidade de estímulos aos estudantes.

O Ministério da Educação (2008), no documento “Programa Educação Inclusiva: Direito à Diversidade”, conceitua a escola como sendo o espaço no qual deve-se favorecer, a todos os cidadãos e cidadãs, o acesso ao conhecimento e ao desenvolvimento de competências, ou seja, a possibilidade de apreensão do conhecimento historicamente produzido pela humanidade e de sua utilização no exercício efetivo da cidadania.

Estabelecer relações entre o museu e a escola pode ser uma grande oportunidade de ampliar o repertório dos alunos e alunas, criando diálogos com a sala de aula. Nesses espaços culturais, o conhecimento constrói-se no embate entre sujeito e objeto, assim é importante que a escola amplie seus muros e torne a cidade um campo para o conhecimento, por meio de estímulo, para que os alunos e alunas

frequentem espaços públicos, apropriando-se das instituições urbanas como locais para reflexão, entretenimento e convivência social.

Segundo Pereira et al. (2008)

Muitos museus atuam como instituições meramente complementares à sala de aula e são vistos dessa maneira por muitos educadores. Assim, as atividades do museu são utilizadas como enriquecimento às propostas desenvolvidas em classe, para comprovar e reforçar conteúdos abordados ou para ilustrar abordagens e enfoques escolhidos pelos professores. Embora seja essa uma forma legítima, ela, contudo, não é a única maneira de promover a relação escola-museu (PEREIRA et al. 2008, p.62).

Os museus são espaços importantes para o processo de desenvolvimento dos alunos e alunas por serem locais de aprendizagem e de contato com variadas formas de expressão e de informação. Para que a visita ao museu seja significativa é preciso uma mediação e uma contextualização, e não apenas mais um passeio, mas dando sentido, por meio de uma proposta pedagógica que vise a integração do trabalho pedagógico à experiência concreta, vivida.

A relação do museu com a escola pode ser pensada a partir da forma em que cada um desses ambientes se estrutura. Assim, a escola é o ambiente da aquisição do saber, onde se estabelece uma rotina de aprendizado que, porventura, forma a cultura escolar. Sendo o museu um ambiente de cultura própria, onde a aquisição dos saberes ocorre de forma diferenciada da escola. Por isso, muitas vezes, os professores, enganadamente, relacionam a visita ao museu a uma prática de lazer, mas não o vinculam a nenhuma prática pedagógica, servindo apenas para passeio e sem estímulo e orientação para aprendizagem direcionada nesse ambiente (FOCHESSATTO, 2012, p.231)

Nesse sentido, é importante entender que a partir do momento em que os alunos e alunas fazem a visita aos museus, orientados e preparados para as visitas, essa relação se torna assertiva, pois isso facilita e guia o olhar do aluno e aluna ao que ele e ela devem destacar e buscar na visita, compreendendo então o museu como local de ensino. “Sem orientação o aluno, muitas vezes, não compreende o museu como parte do processo educativo, mas sim como parte de uma atividade puramente de lazer, saída de campo, passeio e o descanso da sala de aula” (FOCHESSATTO, 2012, p.225).

Para que o museu seja inserido em sala de aula como uma metodologia de ensino é preciso entendermos que a visita inicia muito antes do professor, da professora, dos alunos e das alunas chegarem ao museu e se estende para além desse momento.

Acreditamos que a qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem da qualidade do cuidado do professor e da professora no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida para os alunos (PACHECO, 2008, p.69).

O que normalmente acontece por parte dos professores, das professoras e da escola, são as visitas sem direcionamento, apenas como momentos de lazer; aquelas onde os professores e professoras soltam os alunos e as alunas na porta do museu e os esquecem. Visitas como confraternização de final de ano ou prêmio final de uma gincana são legítimas, mas não garantem um saber que tenha sentido e significado para os discentes e acabam tornando passeios que tanto os discentes quanto os docentes desejam que não exista nenhuma obrigação com uma aprendizagem formal.

Com uma outra proposta, também torna-se usual, professores e professoras direcionarem os alunos e as alunas a ida ao museu como uma “atividade de campo”, preenchendo um relatório onde os discentes devem anotar tudo o que vir ou ouvir e entregá-lo na aula seguinte. Atividades nesses moldes podem se tornar interessantes, mas na maioria das vezes, acabam não sendo sistematizadas pelos alunos e pelas alunas por produzirem uma grande massa de informações e, além disso, tornando um grande volume de papel para os professores e professoras que acabam apenas validando como nota, não lendo o conteúdo e não compartilhando os saberes ali produzidos.

De acordo com Pacheco (2008), essa postura informa ao aluno a pouca importância do seu trabalho de escrita, mas também a pouca importância do museu visitado. Sugere então, a construção de um relatório coletivo, uma atividade simples e rápida de ser realizada em sala de aula, tendo por base os relatórios individuais. Além disso, planejar a visita ao museu contribui para que as experiências sejam significativas.

A qualidade da atividade e seu significado pedagógico dependem dos cuidados dos professores e professoras no momento do planejamento da atividade. É esta previsão das ações que direciona a atenção dos alunos e das alunas para as atividades didáticas e potencializa o impacto da experiência vivida para o aluno e para a aluna.

Pereira et al. (2008) sugere para a confecção de um bom planejamento, que primeiramente o docente visite o museu, perceba as linguagens utilizadas, explore livremente o ambiente, sinta o seu discurso, seus argumentos e as potencialidades preliminares do museu para exploração educativa reconhecendo as possibilidades de atividades a serem desenvolvidas.

Alguns museus possuem o setor educativo que orienta como ele pode ser explorado. Sobre isso, Pacheco, (2008), reforça:

No momento de agendar a visita é possível estabelecer uma rápida conversa com o setor educativo do museu e obter respostas para algumas questões importantes para o planejamento da visita: o museu dispõe de mediadores que recebem os alunos ou o professor fará a condução da turma? Estes mediadores fazem adequações a temas específicos ou existe apenas um roteiro fixo de visita? O museu já oferece alguma atividade educativa posterior a visita? Existe um espaço diferenciado para atividades didáticas do professor? Estas e outras questões são rapidamente esclarecidas em conversa prévia e podem evitar inúmeros atropelos e desentendimentos no momento da atividade no museu (PACHECO, 2008, p.71).

Ao fazer tais perguntas, o docente poderá verificar as opções de atividades oferecidas ou até mesmo criar ações que sejam mais interessantes aos seus alunos e alunas corroborando com os conteúdos trabalhados em sala de aula.

Ao colher todas as informações, o professor e professora podem em sala de aula preparar os alunos e alunas para a visita, estabelecendo diferentes formas de sensibilização para visitar o museu. Podem preparar uma aula sobre o tema, apresentando em linhas gerais o museu a ser visitado, sua história e seu acervo, contando sobre sua descoberta. Além disso, pode pedir aos alunos e alunas uma pesquisa prévia para posteriormente trocarem de informações.

Podem ser feitas atividades lúdicas, investigativas e dinâmicas, por exemplo, seguidas de debate de algum filme que possibilite pensar no papel do museu na sociedade. O professor pode realizar um percurso exploratório preliminar com seus alunos, que permita o levantamento de questões, interrogações e a enunciação dos conhecimentos preliminares de seus alunos sobre a temática abordada (PEREIRA et al. 2008, p.69).

As atividades de sensibilização, podem despertar nos alunos e alunas curiosidade e interesse. Possuir o conhecimento prévio do espaço, contribui para que a visita se torne mais significativa.

Durante a visita, é importante criar um clima agradável, favorecendo a compreensão para aquilo que está sendo exposto e a sensibilidade estética que o espaço pode proporcionar para cada um e cada uma. No decorrer do percurso, estabelecer diálogos e reflexões com os docentes de maneira construtiva e proveitosa, instigando a participação e a troca de percepção entre os discentes.

É importante usar o museu com os recursos de aprendizagem que lhe são peculiares. Explorar a experiência de estar frente a frente com objetos museais, analisar, comparar, interpretar e, sobretudo, sentir formas, cores, detalhes, materiais. Explorar a linguagem do museu e seus recursos, como claro e escuro, luzes, sons, disposição dos objetos, sequência de objetos e ambientações, além dos discursos das exposições. Chamar a atenção para textos de apoio, painéis explicativos e recursos multimídia. Oportunizar que os alunos façam seus roteiros perceptivos, sendo, também, sujeitos de sua visita. Indicamos a necessidade de avaliar a visita, reunir as percepções coletivas, favorecendo a socialização e a compreensão das sensibilidades e mecanismos de aprendizagem daquele grupo de alunos (PEREIRA et al. 2008, p.70).

Após a visita, na volta à escola, é interessante construir diferentes possibilidades de registro coletivo, articulando e organizando as informações apresentadas. Cada aluno e cada aluna pode expor sua experiência, explicitar questões, dúvidas e curiosidades. Tal ação contribui para que o museu e seus objetos voltem à sala de aula como fonte de informação para aprofundar o assunto já estudado pela turma.

As visitas aos museus de forma orientada e planejada são um encontro de potencialidades: as discussões, as observações e as sensações partem do olhar atento aos objetos. Cabe então aos professores e às professoras fornecerem informações e, mais importante, criar um ambiente em que as potencialidades dos museus, dos alunos e das alunas se encontrem. Os museus podem ser

incorporados à escola, nos processos de ensino e de aprendizagem como espaços privilegiados de produção do conhecimento.

Um bom planejamento é mais que uma prescrição das atividades que serão realizadas ou um texto escrito a ser entregue a burocracia. O planejamento de ensino é uma ferramenta de reflexão sobre a prática pedagógica que será realizada. Ao colocar no papel os objetivos da ação, dos conteúdos focados e dos procedimentos a serem realizados estamos materializando na escrita nossa concepção sobre o significado da prática pedagógica. É no momento da escrita que verificamos a coerência da atividade com nossas intenções e nos defrontamos com os limites concretos para a sua realização. (PACHECO, 2018 p.79)

Antes da ida aos museus, como citado anteriormente, é importante e necessário que os alunos e as alunas estejam envolvidos com a proposta para que assim a visita nesses espaços faça sentido e tenha significado para os discentes. Em um primeiro momento os professores e as professoras podem contextualizar os museus como lugar de conhecimento, despertando o interesse dos alunos e das alunas para a importância desses espaços em nossa sociedade. Para tal fim, uma atividade diagnóstica pode ser feita tendo como objetivo identificar qual o conhecimento eles e elas já possuem sobre os museus:

- Alguém já visitou um museu? Qual?
- Vocês consideram os museus importantes em nossas vidas? Por que?

Depois dos posicionamentos dos alunos e das alunas é fundamental que os professores e as professoras reforcem a importância dos museus como espaços carregados de valores culturais e rico de bens materiais e imateriais. É fundamental estimular os alunos e as alunas com fotos e vídeos dos museus a serem visitados, falar sobre a história do museu, os acervos que irão encontrar e quais serão as propostas para o projeto. Essa é uma estratégia essencial para começar uma aproximação dos/as estudantes com o espaço.

Para Pacheco (2018), os museus foram pensados como espaço de aprendizagem, uma aprendizagem mediada pelo objeto, uma aprendizagem amparada na concretude do objeto cultural, das relações sociais existentes no tempo e no espaço. Suas exposições estão aguardando quem esteja disposto a interpretá-las.

Para isso faz-se necessário um projeto didático que estabeleça atividades iniciando na sala de aula antes da visita, que se desenvolvam durante a visita ao museu e volte à sala de aula com informações a serem discutidas, interrogadas e até mesmo confrontadas, possibilitando que as informações do museu e sala de aula se completem, proporcionando então o enriquecimento cultural dos estudantes.

4 O QUE A EDUCAÇÃO FÍSICA PODE FAZER NO MUSEU?

No artigo 2º da nossa Lei de Diretrizes e Bases encontramos:

A Educação, dever da família e do Estado inspira nos princípios da liberdade e nos ideais da solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (Lei nº 9.394, 1996)².

A Educação brasileira encontra-se em processo de transformação, no sentido de rever qual é o seu papel e que rumo deve seguir frente a esta sociedade globalizada e em constantes mudanças.

Presente em tal processo e acompanhando as mudanças ocorridas ao longo dos anos, temos a Educação Física, uma disciplina legitimada através de várias justificativas descritas a seguir por alguns dos principais autores da área.

A Educação Física Escolar é entendida como tempo e espaço para conhecer e reconstruir as práticas corporais, assim como sua cultura, trabalhando cada uma delas a partir das diferentes dimensões: históricas, sociais, culturais, políticas, fisiológicas, entre outras. Segundo Daolio (1996) temos discutido nos últimos anos a Educação Física Escolar numa perspectiva cultural, e é a partir desse referencial que consideramos a Educação Física como parte da cultura humana. Ou seja, ela se constitui numa área de conhecimento que estuda e atua sobre um conjunto de práticas ligadas ao corpo e ao movimento criados pelo homem ao longo de sua história: os jogos, as ginásticas, as lutas, as danças e os esportes.

É nesse sentido que se tem falado atualmente de uma cultura corporal, ou cultura física, ou ainda, cultura de movimento. A Educação Física Escolar deve proporcionar aos alunos e as alunas mergulharem nas diversas práticas da cultura corporal construída no decorrer da história.

Segundo Betti e Zuliani (2002):

A Educação Física propicia, como outros componentes curriculares, um certo tipo de conhecimento aos alunos. Mas não é um conhecimento que se possa incorporar dissociado de uma vivência concreta. A Educação Física não pode transformar-se num discurso sobre a cultura corporal de movimento, sob pena de perder a riqueza de sua especificidade, mas deve constituir-se como uma ação pedagógica com aquela cultura. Essa ação

² BRASIL (1996) Ministério da Educação

pedagógica a que se propõe a Educação Física será sempre uma vivência impregnada da corporeidade do sentir e do relacionar-se (BETTI E ZULIANI, 2002, p.75).

Entende-se que é tarefa da Educação Física Escolar oportunizar o ensino e a aprendizagem da cultura corporal de movimento por meio de experiências práticas e reflexiva dos conteúdos de sua competência, de modo que possibilite aos alunos e alunas aplica-los em contextos significativos, de forma a contribuir para a construção do seu conhecimento e autonomia.

A Educação Física está comprometida com a construção de uma escola como tempo e espaço de vivência sociocultural, aprendizado de saberes e desenvolvimento do sujeito, considerando a pluralidade das potencialidades humanas, valorizando o conhecimento, a arte, a estética, a identidade, o sentimento, a emoção e as múltiplas linguagens. A escola, assim pensada, extrapola o âmbito da atividade intelectual, que é ainda enfatizado no contexto escolar tradicional e busca estratégias para considerar a corporeidade como elemento da formação humana, porque é ela que materializa nossa existência no mundo, cabendo-lhe assegurar aos alunos acesso aos bens culturais, aos conhecimentos que garantam autonomia em relação ao seu corpo e ao exercício da cidadania (CURRÍCULO BÁSICO COMUM, CBC/MG - Educação Física, 2005)

Como área do conhecimento, a Educação Física deve tratar das práticas corporais construídas ao longo dos tempos. Todavia, não se trata de qualquer prática ou movimento, e sim daqueles que se apresentam na forma de esporte, ginástica, jogos, brincadeiras, dança, movimentos expressivos, dentre outros. Essas vivências, seus conceitos, sentidos e significados são conteúdos legítimos a serem problematizados em todos os níveis da educação básica (SOUSA et al, 2005).

Sendo assim, a Educação Física Escolar, tem como função refletir sobre a cultura corporal, as produções humanas que envolvem o movimento por meio das práticas corporais, colaborando na formação dos alunos e alunas para que eles e elas possam ler criticamente a sociedade e participar dessa, atuando para transformá-la.

Não basta aprender as habilidades motoras e desenvolver as capacidades físicas, pois tais aprendizagens não são suficientes, embora sejam necessárias. É tarefa da Educação Física preparar o aluno para ser um “praticante

lúcido e ativo, incorporando os conteúdos e componentes da cultura corporal em sua vida, e tirar deles o melhor proveito possível (BETTI e ZULIANI, 2002, p. 75).

Por esse motivo, é essencial trazer diferentes temáticas para o cotidiano da sala de aula, outros olhares sobre um determinado conhecimento, gerando oportunidades para que os alunos e alunas possam avançar no processo de ensino/aprendizagem de maneira relevante e significativa, fazendo uma “leitura de mundo” diferenciada e autônoma.

Considero ser importante que as aulas de Educação Física ultrapassem a formalidade e o convencional, reduzidos às quadras e bolas, no interior dos espaços da escola. Minha experiência indica que a educação formal precisa ser inovadora; precisa respirar novos ares; precisa transgredir. Por isso, novas (e arrojadas) ações educativas precisam ser contempladas priorizando a ampliação de horizontes dos alunos e alunas, utilizando a cidade e seus equipamentos culturais como espaços educativos. Inovar, quer dizer, experimentar novos modelos, estratégias, metodologias, conteúdos, para que a Educação Física siga contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura contemporânea. (BETTI, ZULIANI, 2002, p. 80).

Vale ressaltar que os conhecimentos a serem partilhados nesses espaços devem ser construídos, analisados e contextualizados, formando uma rede de significados, de modo tal, que os alunos e as alunas possam perceber e compreender sua pertinência, bem como a relevância na aplicação na sua vida pessoal e social.

De acordo com Valejo (2015, p.12) no universo escolar, deveríamos pensar na ampliação de conteúdos propostos em um contexto de diversidade cultural, porém percebe-se que a proposta da Educação Física Escolar ainda está presa à monocultura desportiva em relação aos conhecimentos que podem ser desenvolvidos.

Podemos dizer que o esporte é o conteúdo predominante das aulas de Educação Física, principalmente os coletivos que na maioria das vezes é tratado apenas no seu caráter técnico o que acaba valorizando somente os alunos e alunas com mais habilidades.

Temos também, em alguns casos, a famosa Educação Física “rola bola”, onde os professores e professoras entregam os materiais para os discentes e esses

se organizam como querem. Mais uma vez, os mais “habilidosos” e as mais “habilidosas” se destacam e os demais, que por algum motivo não têm afinidade com os esportes, se isolam buscando atividades aleatórias.

Defendo uma Educação Física que dê oportunidade e importância a todos os alunos e alunas para que desenvolvam suas potencialidades de forma crítica; o que quero propor é um olhar diferenciado no trato das práticas desportivas e demais conteúdos da Educação Física Escolar, buscando estratégias para que os alunos e as alunas queiram aprender, se sintam motivados e interessados pelas aulas, se apropriando do conhecimento para que possam partilha-lo na sociedade.

A Educação Física juntamente com a escola, tem o importante papel de tornar os alunos e as alunas capazes de exercer a cidadania ativamente na sociedade, desenvolver suas potencialidades e principalmente garantir a todos o acesso aos conhecimentos da cultura corporal do movimento, por meio de seus diversos conteúdos.

Como afirma Betti e Zulliane (2002, p.1) a Educação Física tem a necessidade de estreitar as relações entre teoria e prática e inovar pedagogicamente, a fim de seguir contribuindo para a formação integral das crianças e jovens e para a apropriação crítica da cultura corporal de movimento.

Enquanto professores e professoras, precisamos contextualizar o conhecimento, propor uma reflexão do conteúdo, ampliando os olhares dos alunos e das alunas para as práticas corporais.

De acordo com Betti e Zuliani (2002):

A Educação Física enquanto componente curricular da Educação básica deve assumir então uma outra tarefa: introduzir e integrar o aluno na cultura corporal de movimento, formando o cidadão que vai produzi-la, reproduzi-la e transformá-la, instrumentalizando-o para usufruir do jogo, do esporte, das atividades rítmicas e dança, das ginásticas e práticas de aptidão física, em benefício da qualidade da vida (BETTI E ZULIANI, 2002, p.75):.

A partir da citação dos autores acima, entendo que a Educação Física Escolar precisa ir além do “saber fazer”; propondo aos alunos e alunas que se apropriem dos conhecimentos da cultura corporal de movimento, reproduzindo-os e

transformando-os de maneira crítica e construtiva que lhes possibilite agir de forma participativa no ambiente social onde vivem.

A Educação Física Escolar não possui a intenção de fazer os alunos e as alunas aprenderem a repetir gestos estereotipados, com o objetivo de apenas automatizá-los e reproduzi-los, restringindo os discentes ao simples exercício de certas habilidades e destrezas, mas sim, de proporcionar a apropriação do processo de construção de conhecimentos relativos ao corpo e ao movimento, construindo uma possibilidade autônoma de utilização de seu potencial gestual, capacitando o sujeito a refletir sobre suas possibilidades corporais e, com autonomia, exercê-las de maneira social e culturalmente significativa e adequada (PCN's, 2001).

Normalmente, podemos perceber que a prática esportiva é tratada por um número considerável de professores e professoras, lecionando aulas que podemos denominar como “aulas de esportes” (futebol, handebol, voleibol e basquete) e não da Educação Física propriamente dita, com seus inúmeros e importantes conteúdos.

Compartilho a ideia de Barroso e Darido (2006), onde pontuam que o esporte deve estar presente na Educação Física Escolar, pois este fenômeno está culturalmente enraizado em nossa sociedade, portanto, necessita de uma atenção especial para que possamos oferecer aos alunos e as alunas condições de entendê-lo e refletir sobre suas variadas possibilidades.

De acordo com Silva, Moreira e Oliveira (2015), os professores e as professoras ao almejarem o desenvolvimento integral dos alunos e das alunas precisam ser capazes de identificar as diversas manifestações corporais presentes na sociedade, sejam elas o esporte, o jogo, a luta, dentre outros temas, e partilhá-las de forma que alunos e alunas consigam assimilá-las e compreendê-las criticamente.

Quando proponho que a Educação Física vá ao museu, um dos objetivos é permitir que alunos e alunas entendam as práticas corporais também em outros espaços, contextualizando, refletindo e compreendendo cada uma delas a partir de diferentes dimensões. Oportunizando assim as diversas possibilidades de ensino-aprendizagem da cultura corporal do movimento a partir dos objetos ali encontrados.

Penso que, enquanto formadores de opiniões, temos o direito, por meio das formações continuadas, de nos atualizarmos e nos libertarmos das velhas amarras, buscando experimentar o novo, saindo de nossa zona de conforto.

Pensar a Educação Física nos museus é tomar esses espaços como sala de aula, criando possibilidades fora dos muros da escola, para que os professores e as professoras, junto aos alunos e alunas, para que possam (re)significar a disciplina, contribuindo para os processos de ensino e aprendizagem de temas da cultura corporal de movimento, de forma a torna-lo mais rico e diversificado, proporcionando reflexões, novas vivências e aprendizados. Além disso, permitir um saber e uma experiência que se relaciona com a ocupação de espaços disponíveis na cidade, que os sujeitos envolvidos no processo possam se apropriar das instituições urbanas como locais para reflexão, entretenimento e convivência social.

5 MUSEUS E SUAS POTENCIALIDADES PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA

Os museus escolhidos para a construção do produto foram: Museu do Futebol, Museu do Brinquedo e o Museu de Artes e Ofícios. Os dois primeiros possuem uma relação direta com a Educação Física Escolar por abordar temas relacionados à cultura corporal de movimento. O terceiro, se pensarmos de imediato, não encontramos relação com a Educação Física. O desafio foi pensar propostas que possam ser vivenciadas nesses espaços indo ao encontro de objetivos da Educação Física.

5.1 Museu do Futebol

O museu do Futebol foi inaugurado em 2013, sediado no Estádio Governador Magalhães Pinto (Mineirão), em Belo Horizonte; pretende pesquisar, preservar e expor artefatos materiais e imateriais do futebol brasileiro.

A exposição apresenta, além da memória do estádio, informações relacionadas ao futebol mineiro e também diversos aspectos desse esporte na sua relação com manifestações culturais e sociais. O museu possui um acervo que é composto por inúmeras peças e documentos importantes e históricos.

5.1.1 Por que o Museu do Futebol?

O futebol é o conteúdo que está mais presente nas aulas de Educação Física Escolar, porém vem sendo tratado no interior da maioria das escolas de forma reducionista, sendo trabalhado apenas no nível da prática e oferecido como atividade somente para o grupo masculino. O que mais prevalece é o jogar futebol, o “jogo pelo jogo”, desvalorizando a importância do conhecimento histórico-social do esporte.

Penso que, o futebol precisa ser visto, não apenas em seus aspectos formais, mas sim uma prática a ser desenvolvida na Educação Física Escolar sendo abordado na perspectiva da cultura corporal, ensinado não só pela vivência prática do movimento, mas também refletido e contextualizado.

A vivência do esporte na escola encerra dupla alternativa: podemos continuar reforçando maneiras excludentes e preconceituosas de vivenciá-las ou apostar no potencial educativo e, particularmente, do tempo e do espaço das aulas de Educação Física como lugar de produção cultural, capaz de sair de seus muros, na perspectiva da transformação dos valores sociais vigentes.

Para ser entendido como prática educativa escolar, o esporte precisa, portanto, ser situado historicamente e socialmente e vivenciado criticamente a partir da compreensão de seus fundamentos e da resignificação de seus sentidos e significados.

(CURRÍCULO BÁSICO COMUM, CBC/MG - Educação Física, 2005)

O esporte que deve integrar a Educação Física Escolar não é aquele que reproduz o esporte formal, nem voltado para seleção dos melhores alunos e alunas, vistos como futuros atletas; destaca Betti (1991, p. 58);

[...] o esporte não deve restringir-se a um “fazer” mecânico, visando um rendimento exterior ao indivíduo, mas tornar-se um “compreender”, um “incorporar”, um “aprender” atitudes, habilidades e conhecimentos que levem o aluno a dominar os valores e padrões de cultura esportiva (BETTI, 1991, p. 58).

Enquanto conteúdo tão presente nas aulas de Educação Física, no interior da escola e na sociedade em geral, o futebol deveria ser tratado com finalidades mais amplas, como uma possibilidade de educação e formação para a vida social e não apenas “deixar a bola rolar”.

Mediante o exposto, a proposta de visita ao Museu do Futebol, é trabalhar temas diversificados, ampliando o conhecimento dos alunos e das alunas para essa prática.

A partir dos acervos e até mesmo pela falta deles (como por exemplo a inexistência de conteúdos relacionados à mulher no futebol), criar condições para que os discentes se apropriem e problematizem essa prática corporal, para que consigam lidar de forma crítica e criativa, compreendendo sobre esse fenômeno social para além do senso comum.

5.1.2 O Museu do Futebol na escola

Pensando o futebol como um conteúdo que deve ser problematizado, analisado e contextualizado, algumas temáticas importantes podem ser trabalhadas na escola:

5.1.2.1 Futebol e o torcer

Debater com os alunos e alunas as consequências da violência no futebol; as torcidas organizadas; o estatuto do torcedor; a paixão por um time de futebol.

5.1.2.2 Futebol e profissão

Discutir com os alunos e alunas fatores que dificultam essa tão sonhada carreira. Esse desejo cresce quando se assiste na televisão ídolos que tiveram sucesso e puderam dar uma vida confortável à família. Muitos e muitas se submetem às famosas peneiras onde a maioria não é escolhida para compor os times. É importante debater sobre as ilusões da profissão, dos salários e também dos sacrifícios que precisam ser feitos em busca do sonho.

5.1.2.3 Os ídolos do futebol, quem são eles?

Debater com os alunos e alunas sobre suas noções e conceitos de ídolos e o que eles/elas simbolizam no futebol brasileiro. Uma sugestão de atividade é pedir uma pesquisa prévia com os pais, avós, mães, avôs, tios, tias, sobre os “ídolos do futebol da época deles” e pesquisar o que significava ser ídolo no tempo de cada um. Posteriormente, os alunos e as alunas podem trocar suas descobertas comentando a importância dessas personagens históricas; o que era ser ídolo antes e hoje; qual o lugar que eles/elas ocuparam na evolução do futebol; criação de jogadas e o que revolucionaram nesse esporte.

5.1.2.4 Futebol e mídia

Discutir com os alunos e alunas sobre a influência dos diferentes tipos de mídia no esporte e principalmente do futebol, que é um esporte considerado de massa, praticado por milhares de pessoas. Como sugere o Silveira (2005), é

importante debater com os discentes o porquê da imposição de uma visão hegemônica de esporte que vende o esporte competitivo e de alto rendimento como se fosse a única maneira ou a forma mais legítima de se praticar e organizar essa atividade. Mostrar para os alunos e as alunas que a mídia vai além de apenas divulgar o esporte. Ela assume o papel de participar da determinação dos rumos do esporte como horários, regras, formas de disputa; determinam de acordo com seu interesse os ângulos da tv numa transmissão; omitem certas informações; podem construir e desconstruir um ídolo esportivo entre outros.

Ao tratar desse assunto nas aulas de Educação Física Escolar, espera-se que os alunos e as alunas despertem um senso crítico ao assistirem por exemplo, um jogo de futebol na televisão. Como relata Giovanni Pires (2002)

“- Então, diante da compreensão relatada por vocês, quanto a todo este jogo de interesses que regula o espetáculo esportivo na mídia, deixou de ser um prazer assistir aos jogos na televisão?

- Pelo contrário; agora há outro prazer em acompanhar um jogo na televisão: é o prazer de não se sentir enganada, de saber o significado do ato de abaixar para amarrar as chuteiras na beira do campo e do close da TV, que vai lá em cima, mostrando a marca comercial” (PIRES, 2002, p.05).

A citação acima, lembrou – me de uma situação onde trabalhei esse tema com meus alunos e alunas do segundo ano do Ensino Médio, uma aluna me abordou nos corredores da escola e disse: - *“Professora, não esqueço mais quando a senhora ensinou a gente sobre o tema Esporte e Mídia, agora quando eu assisto televisão eu não acredito em tudo, eu penso sobre o que vejo.”*

Abordando esse tema, podemos contribuir para a formação dos alunos e alunas, tornando-os mais críticos/as e sensíveis, cada vez menos reféns do discurso midiático não só, mas também direcionado ao futebol.

5.1.2.5 História do futebol

Debater com os alunos e alunas sobre o surgimento do futebol e sua trajetória, desde o jogo de bola na China Antiga, passando pelo *Football Association* na Inglaterra até chegar ao Brasil, onde foi reinventado. Diferentes atividades relacionadas ao tema podem ser iniciadas na escola, como por exemplo mobilizar os

alunos e alunas com vídeos, textos, imagens, pesquisas que apontem questões marcantes sobre a história do futebol.

De acordo com Teixeira (2005), ao reconstruir a história de uma modalidade esportiva, o aluno compreende que o esporte é uma produção humana permanentemente em construção e também que a história do esporte, estreitamente relacionada ao contexto de cada época, atende aos mais diversos interesses: políticos, econômicos, educacionais, dentre outros.

Para desenvolver o tema na prática, pode-se propor aos alunos e alunas que vivenciem/ recriem os diferentes jogos que deram origem ao futebol. Posteriormente, organizar uma roda de conversa para que discutam sobre os conhecimentos adquiridos e as vivências.

5.1.2.6 Futebol e gênero

Hoje ainda é muito comum vincularmos o esporte ao gênero masculino, principalmente o futebol. Várias expressões que ouvimos atualmente fazem menção ao machismo: “futebol é coisa pra macho”, “ele joga como uma mulherzinha”, “marcação homem a homem” dentre outras que reforçam esse universo, sendo pertencentes exclusivamente aos homens.

É importante mostrar para os alunos e alunas os preconceitos sociais que existem em torno desta prática cultural a fim de proporcionar uma reflexão através do futebol sobre a situação da mulher na sociedade.

5.1.3 No Museu do Futebol

Os acervos do Museu do Futebol estão distribuídos entre salas temáticas e áreas de interação. Muitas das exposições são interativas e os visitantes podem relacionar-se diretamente com as obras.

Logo na entrada do museu, encontramos a Sala Intervalo da Leitura que é um espaço voltado para a literatura infanto-juvenil sobre o futebol. Esse espaço, pode ser o cenário para a roda de conversa inicial, resgatando o que foi discutido e vivenciado anteriormente na escola.

FIGURA 1 - Intervalo da Leitura

Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line³

5.1.3.1 Sala das Fichas

A Sala das Fichas permite aos alunos e alunas conhecerem sobre a história do futebol mineiro, bem como os jogadores que fizeram sucesso. Na sala está registrado quase 4 mil jogos no estádio, desde sua inauguração até o fechamento para reforma. Os discentes podem, através de totens interativos, pesquisar jogadores, clubes e partidas que contam a história do futebol mineiro.

FIGURA 2 - Sala das Fichas

Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁴

³ Disponível em:<<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019.

⁴ Disponível em:<<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019

Nessa sala pode-se propor aos alunos e alunas que fotografem os registros que mais acharem interessantes. Deixar que interajam com o espaço, fazendo a tarefa que foi solicitada e utilizando os recursos disponibilizados no museu.

5.1.3.2 Sala da Memória

A sala possui uma mesa interativa para que os visitantes gravem depoimentos sobre experiências próprias e memoráveis no Mineirão e também relacionadas ao futebol, integrando os visitantes ao espaço expositivo. Esse depoimento ficará registrado no museu e são apresentados a todo momento, na sala.

FIGURA 3 - Sala da Memória



Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁵

Uma proposta interessante é estimular os alunos e alunas a gravarem suas experiências na mesa interativa e também solicitar que em duplas registrem os depoimentos nos próprios celulares para serem apresentados na volta à escola para toda a turma.

5.1.3.3 Sala ABC do Futebol

A sala apresenta a história do esporte, desde o jogo de bola na China Antiga, passando pelo Football Association na Inglaterra até chegar ao Brasil. Além de conhecer as regras, táticas e posições dos jogadores, os visitantes também têm

⁵ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019.

acesso a um glossário do futebol, que permite relembrar e aprender as gírias e expressões do futebol.

FIGURA 4 - Sala ABC do Futebol



Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁶

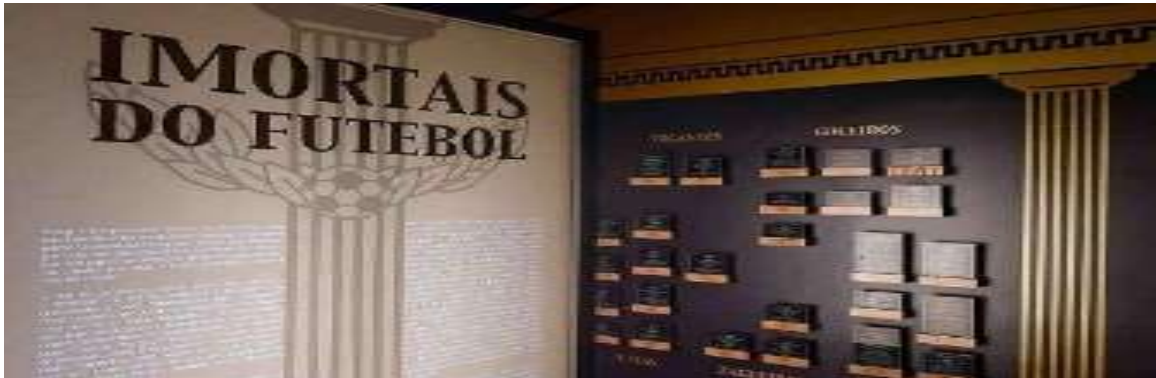
Ao chegarem nesse espaço, os alunos e alunas estarão familiarizados/as, pois esse tema já foi trabalhado na escola, antes da chegada deles e delas ao museu. É interessante que os professores e professoras aproveitem a sala para reforçar tudo o que foi vivenciado e também discutir algumas questões que acharem relevantes.

5.1.3.4 Os Imortais do Futebol

Esse espaço divide-se em dois momentos. Essa sala apresenta biografias de jogadores e treinadores. O outro momento, representado por meio de hologramas, apresenta 3 times imaginários composto por 11 jogadores e 1 treinador.

⁶ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019

FIGURA 5 - Os Imortais do Futebol



Fonte: Acervo próprio, 2018.

Aqui pode-se retomar com os alunos e alunas a discussão relacionada aos ídolos do futebol. Perceber se eles e elas identificam os ídolos que apareceram nas pesquisas feitas e discutidas na escola.

5.1.3.5 De Olho na Bola

A sala homenageia a crônica esportiva, em que é evidenciada a sua importância na construção do futebol como fenômeno de massa ao longo dos séculos XX e XXI. Nessa trajetória são destacadas as mídias impressa, radiofônica, televisiva e a internet como ferramentas de difusão e consolidação do futebol na sociedade brasileira. Esse é mais um espaço para reforçar as discussões que foram feitas na escola.

FIGURA 6 - De Olho na Bola



Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁷

⁷ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril 2019

5.1.3.6 Campos Gerais

O espaço Campos Gerais é dedicado ao futebol mineiro. Os visitantes encontram parte do acervo do Mineirão, como as placas em bronze cravadas com pés e mãos de grandes ídolos que passaram pelo estádio, objetos de colecionadores, além de estações multimídia com um banco de dados que cataloga os municípios de Minas Gerais através dos seus times de futebol.

FIGURA 7 - Campos Gerais



Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁸

Nesse espaço, sugiro que os professores e professoras, orientem os alunos e alunas a registrarem através de vídeos, fotos, gravador do celular, tudo o que acharem interessante e sentirem atraídos de alguma forma. Na volta para a escola, todo esse material será apresentado e discutido com a turma.

5.1.3.7 Futebol e Outras Artes

É um espaço que mistura o futebol e outras artes. Ele apresenta o esporte como fenômeno cultural total, através de videoinstalações, imagens, textos, sons e outros recursos, além de apresentar diálogos do esporte com a literatura, cinema, fotografia, desenho, dança, teatro e escultura.

⁸ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019

Os alunos e alunas podem utilizar a sala como inspiração para criarem uma forma de apresentação: poemas, textos, dança, pantomima, registros fotográficos que remetam ao futebol.

FIGURA 8 - Futebol e Outras Artes



Fonte: Estadiomineirão, 2016, on-line⁹

5.1.4 O Museu do Futebol na volta para a escola

Como podemos perceber, o Museu do Futebol é um espaço rico para se trabalhar os diversos temas apresentados referentes ao esporte. Lembrando do caráter prático da disciplina é interessante associar os conteúdos com as vivências pois, durante o processo educacional os professores e professoras devem oportunizar aos alunos e alunas o saber e o fazer da Educação Física, ou seja, estabelecer uma relação entre a teoria e a prática que são indissociáveis.

A volta para a escola, é o momento de fazer uma roda de conversa para que os alunos e alunas exponham suas experiências. Além disso, é hora deles e delas apresentarem os trabalhos solicitados e desenvolvidos durante o projeto. Após toda discussão, pode-se propor para eles e para elas um “relato de vivências”. Nesse relato os alunos e alunas contam como foram suas experiências no projeto.

Deixo aqui essas sugestões como inspiração na expectativa de que os professores e professoras (re) criem as propostas a partir das diferentes realidades de atuação e que proporcionem aos alunos e alunas oportunidades que possibilitem

⁹ Disponível em: <<http://estadiomineirao.com.br/>> Acesso em: 26 abril. 2019.

o desenvolvimento de suas competências e habilidades. Assim, quem sabe, os discentes possam entender que o futebol é muito mais do que o “rolar a bola”.

5.2 Museu de Artes e Ofícios – MAO

O Museu de Artes e Ofícios está instalado no Conjunto Histórico da antiga Estação Central da Estrada de Ferro Central do Brasil, na Praça Rui Barbosa, mais conhecida como Praça da Estação, de Belo Horizonte. Foi inaugurado em 14 de dezembro de 2005, localizado na cidade de Belo Horizonte é o primeiro espaço museológico brasileiro dedicado integralmente ao tema trabalho. Abriga e difunde um acervo representativo do universo do trabalho, das Artes e dos Ofícios no Brasil. Um lugar de encontro do trabalhador consigo mesmo, com sua história e com seu tempo. Conta a história de atividades profissionais que deram origem à indústria de transformação em Minas Gerais.

5.2.1 Porque o Museu de Artes e Ofícios?

O Museu de Artes e Ofícios é um espaço que a princípio é explorado principalmente pelos docentes de História. Nenhuma relação de imediata é pensada para os conteúdos da Educação Física e o desafio é exatamente esse. Qual a potencialidade desse espaço para a Educação Física Escolar?

Historicamente, no nascimento do capitalismo, a Educação Física tinha como tarefa garantir que o corpo estivesse apto para a realização do trabalho. Apenas um corpo perfeito e saudável, submetido a várias horas seguidas de trabalho, teria plenas condições de exercer o esforço necessário para as atividades laborais. Segundo Batista (2003, p.5), o corpo sempre teve importância para a Educação Física, visto que, este sempre foi, grosso modo, o principal ponto de intervenção do campo de conhecimento. Contudo, desde a sua origem moderna, a Educação Física sempre esteve à serviço de um corpo que atendesse às exigências do trabalho capitalista, separando o corpo biológico do corpo psicológico, social, cultural, dentre outras.

De acordo com Daólio (1994) o corpo humano não é apenas uma entidade biológica, mas um organismo da cultura, cujas fronteiras são indefinidas. Ele traz impressas as marcas de um povo, de uma sociedade.

A partir do seu potencial de expressividade e dos seus múltiplos significados, o corpo, ao longo da história, passa a se comunicar com o mundo por meio das relações estabelecidas, em diferentes contextos sociais. Em virtude desses significados e signos, ele passa a se expressar, interagindo com o mundo que o cerca, expressando-se de maneiras diferenciadas, de acordo com os estímulos intrínsecos ou extrínsecos, recebidos em seu cotidiano (ALMEIDA, 2002, p.5)

Nos dias atuais, podemos perceber um crescimento da população em geral, com questões que envolvem saúde e estéticas relacionadas ao corpo. Passou-se a valorizar corpos considerados “belos”, dentro dos padrões sociais e com isso um número grande de pessoas, cada vez mais se preocupam com a beleza e a estética de seus corpos. De acordo com Alves (2012), o fim do século passado e o início desse configuram um novo estágio do capitalismo, denominado globalização. Nessa fase, a comunicação, o desenvolvimento tecnológico e a economia vêm trazendo uma acelerada transformação nas sociedades e também profundas mudanças no nosso modo de ser, viver, aprender, sentir, pensar e agir; o contexto sociocultural define quem somos e como são nossos corpos. “Podendo ser entendido como único, o corpo com sua história e sua memória, possibilita o ser humano ser um sujeito social constituído de uma cultura, que pode ser expressa através dos gestos e movimentos.” (ALMEIDA, 2002, p.5)

As discussões relativas ao corpo devem ser abordadas por todos os eixos temáticos da Educação Física: esporte, dança, ginástica e jogos. Cada um desses eixos têm contribuições importantes na reflexão sobre o corpo, por isso, sempre que possível, faz-se necessário retomá-las, para que os alunos e alunas percebam como o conhecimento sobre a corporeidade está presente em todas as suas manifestações.

5.2.2 Museu de Artes e Ofícios na escola

A partir desse contexto e do que foi encontrado ao percorrer o MAO, aponto algumas temáticas que podem ser trabalhadas com os/as estudantes na visita ao museu:

Corpo perfeito x corpo saudável – Discutir com os alunos e alunas como o corpo tem sido visto pela sociedade. Qual o padrão de corpo imposto pela mídia? Com que imagens de corpo convivemos no nosso dia a dia? As pessoas estão em busca de saúde ou perfeição?

De acordo com Alves (2005)

Os corpos presentes na telinha são em sua maioria, corpos bonitos, sarados, brancos, louros, jovens, viris, belos, bem cuidados, ágeis e felizes. Corpos gordos, velhos, flácidos, rígidos, não são reproduzidos, mas escondidos, disfarçados e dissimulados. Quase sempre, apenas nos telejornais é comum aparecerem os corpos do cotidiano, de gente simples, ligados muitas vezes á pobreza, violência, tragédia e assim por diante (ALVES, 2005, p.5).

A partir da citação acima, podemos pensar que de alguma maneira existe um modelo de corpo desejado pela mídia, transformando-o em objeto a ser conquistado e comprado, passando a ser idealizado e sinônimo de saúde e beleza, como se esse modelo de corpo fosse a única possibilidade de ser.

Vivemos uma verdadeira tirania da aparência em que o corpo tem sido mais valorizado por suas próteses, enfeites, vestuário, enfim, pelo que tem e não pelo que é (ALVES, 2005, p.5).

É importante mostrar para os alunos e alunas, como essa mercantilização dos corpos tem estimulado o comércio e o consumo de produtos, que cada vez mais tem se preocupado com a beleza esquecendo-se da saúde e da qualidade de vida.

5.1.3.8 Educação Física e saúde, qual o significado de ser saudável?

Debater com os alunos e alunas o que é saúde e qualidade de vida. Desmitificar o conceito de saúde relacionada apenas a ausência de doenças. Sobre a qualidade de vida, discutir se queremos apenas contabilizar os bens adquiridos ou pensamos nos processos qualificados de socialização, na fruição de um lazer não regido pela lógica do consumo na construção de círculos de amizade amplos, no acesso a tempos e espaços dignos para a prática de atividades físicas (SILVEIRA, 2005). É importante que os/as estudantes tomem consciência que definição de saúde e qualidade de vida irão orientar suas práticas e reflexões.

5.1.3.9 Concepções de corpo; o corpo na história da humanidade

Discutir com os alunos e alunas sobre o conceito do corpo ao longo da história. Sabemos que o corpo sempre foi o mesmo, do ponto de vista anatômico e biológico. Mas o que dizer da sua subjetividade e da forma com que as pessoas veem os corpos delas, de como os vestem e os modelam com cirurgias ou com exercícios? Em diferentes períodos históricos existiam diversas concepções relacionadas ao corpo. Na Grécia, o corpo era valorizado por ser atlético, saudável e fértil. Já na Idade Média qualquer culto ao corpo era estritamente proibido. Existia uma separação do corpo e da alma, onde a alma prevalecia sobre o corpo em qualquer circunstância. Já no período renascentista, o corpo começa a ser redescoberto, com um maior pensamento científico e estudos sobre o corpo. É no Renascimento que começa a existir uma preocupação maior com a liberdade do ser humano. O culto ao corpo fica bem evidente através das artes. Corpos nus eram retratados nas obras de pintores como Michelangelo e Leonardo Da Vinci, por exemplo.

5.1.3.10 Relação do corpo e do trabalho

Debater com os alunos e alunas a noção de corpo na modernidade, onde era visto como máquina, educado para a otimização da produção. O sistema capitalista nessa época estava em ascensão e enxergava a possibilidade de melhorar os lucros por meio do aumento da força do trabalhador. Dentro dessa lógica do capitalismo, surge a partir do século XIX, na Europa, a afirmação de um projeto de educação corporal, com métodos e princípios que tinham como objetivo controlar o corpo, disciplinar, formar homens mais maleáveis, flexíveis e adaptados a produção. Discutir com os alunos e alunas, como a ginástica agora, sistematizada pela ciência e pela técnica, rompe com seu núcleo primordial que era caracterizada dentro dos campos do divertimento, passa a reelaborar e disseminar novos usos do corpo, ou seja, o adestramento do homem para novas exigências do capital, com o desenvolvimento da moral, do caráter, da virtude e da aptidão física para o trabalho. (ALMEIDA, 2010)

É importante trabalhar esse tema com os/as estudantes para que assim possam analisar criticamente as diversas formas de exploração e dominação do corpo.

5.1.3.11 Relação entre trabalho e lazer

Debater com os alunos e alunas sobre as relações entre trabalho, tempo livre e lazer na sociedade capitalista. Proporcionar aos estudantes, refletirem e discutirem as diferentes formas de lazer em distintos grupos sociais, em suas vidas, na vida das famílias; e a maneira como cada um deseja e consegue ocupar seu tempo disponível.

Discutir com os alunos e alunas sobre a industrialização que provocou várias mudanças na sociedade. O trabalho tornou-se a dimensão mais importante na vida dos sujeitos, o que acabava consumindo boa parte do dia a dia dos trabalhadores que começaram a reivindicar a redução na jornada de trabalho para que o tempo de lazer pudesse ser ampliado. Dessa forma, os trabalhadores conquistaram o direito de realiza-lo em 40 horas semanais em vários países; além do fim de semana remunerado e direito às férias. De acordo com Alves (2005) a conquista pelo tempo liberado do trabalho não tem se efetivado, atualmente, como conquista de um tempo para a vivência do lazer, principalmente pelas camadas populares:

“As baixas remunerações e a dificuldade que os trabalhadores encontram para verem resolvidas suas necessidades básicas, aliadas à sedução das propagandas induzindo o trabalhador a comprar até aquilo de que não necessita, tem feito com que o lazer seja a primeira “gordurinha” a ser cortada em seus orçamentos. Assim, “sobra” para o trabalhador vivenciar em seus momentos de lazer, a apreciação dos programas de televisão, veículo que se torna um instrumento eficaz ao agir com sutileza e eficiência na sedução do sujeito” (ALVES, 2005 p.02).

O debate sobre esse assunto deve ser realizado com os alunos e alunas para que eles e elas percebam a importância do lazer em suas vidas. O lazer torna-se uma dimensão tão importante quanto o trabalho. Pode-se trabalhar com os/as estudantes o conceito de lazer, apresentar seus aspectos históricos, proporcionando uma compreensão mais ampla do seu significado.

A discussão do lazer permeia todos os conteúdos da Educação Física, ou seja, os professores e professoras, ao tratarem do esporte, poderão trazer para a reflexão questões como: para um jogador (profissional) de qualquer modalidade esportiva, a atividade que desenvolve caracteriza-se como lazer? E para os espectadores, tal atividade é lazer? (ANGULSKI e col, 2008, p.60). Além disso, outras questões podem ser levantadas: o que faço no meu tempo livre? Quais são os espaços e equipamentos de que me aproprio? Qual é a minha atitude frente ao tempo/ espaço de lazer?

Trabalhar as questões relacionadas ao lazer e trabalho, pode possibilitar aos alunos e alunas, uma apropriação crítica e criativa do seu tempo, por meio da interiorização do conhecimento.

5.2.3 No Museu de Artes e Ofícios

Ao chegarem ao Museu de Artes e Ofícios, os alunos e alunas irão encontrar objetos, instrumentos e utensílios de trabalho do período pré-industrial brasileiro. Criado a partir da doação de quase duas mil peças, pela colecionadora Ângela Gutierrez, ao patrimônio público. O MAO assume o compromisso de revelar a riqueza da produção popular, os fazeres, os ofícios e as artes que deram origem a algumas das profissões contemporâneas.

Seu acervo, conta com peças originais dos séculos XVII ao XX, entre instrumentos, utensílios, ferramentas, máquinas e equipamentos que representam antigos ofícios em setores tradicionais como a mineração, lapidação e ourivesaria, alimentício, tecelagem, energia e curtumes. Os objetos e a própria história narrada pelo Museu remontam às origens dos processos fabris, em sua confluência com as artes manuais, artesanato, manufatura.

As peças presentes no Museu, individualmente ou em conjunto, conduzem cada visitante a uma identificação com o universo do trabalho ali referenciado. A observação do acervo também revela que, mesmo quando desenvolve um objeto para suprir uma necessidade de trabalho, o homem usa sua capacidade criativa e se expressa com arte e sensibilidade

FIGURA 9 - Ofícios do transporte

Fonte: MAO, 2013, on-line¹⁰

FIGURA 10 - Ofícios do comércio

Fonte: MAO, 2013, on-line¹¹

FIGURA 11 - Ofícios da conservação e transformação dos alimentos

Fonte: MAO, 2013, on-line¹²

¹⁰ Disponível em: <<https://www.mao.org.br/conheca/acervo/>> Acesso em: 30 abril 2019.

¹¹ Disponível em: <<https://www.mao.org.br/conheca/acervo/>> Acesso em: 30 abril 2019.

¹² Disponível em: <<https://www.mao.org.br/conheca/acervo/>> Acesso em: 30 abril. 2019.

Após as discussões feitas na escola, é hora de associa-las aos acervos presentes no MAO. Ao percorrer o museu, conseguimos observar as transformações dos meios de trabalho, no Brasil, no período pré-industrial e as relações sociais do trabalho no país. Os alunos e alunas, por meio da coleção, descobrem instrumentos utilizados no dia a dia por diversos profissionais como dentistas, ferreiros, sapateiros. Os/as estudantes podem explorar os diversos tipos de matéria-prima e ferramentas expostas para aprender como o ambiente e as necessidades geraram formas variadas de trabalho.

Durante o percurso com os alunos e alunas, os professores e professoras podem debater sobre a diversidade cultural e trabalho; a relação do trabalho e consumo; o valor das profissões e todos os temas que foram antes trabalhados na escola. Algumas questões podem ser levantadas: Como eram vistos os diferentes tipos de corpo para cada atividade laboral? Como eram as relações de lazer e trabalho daquelas pessoas? Qual a importância do lazer para a sociedade?

5.2.4 O Museu de Artes e Ofícios na volta para a escola.

Esse é o momento de consolidar tudo o que foi aprendido e vivenciado durante o projeto. Os docentes podem proporcionar uma roda de conversa para que os alunos e as alunas exponham seus conhecimentos e suas experiências. É importante que os professores e professoras de Educação Física, ampliem o entendimento dos alunos e alunas sobre o lazer, que no senso comum é entendido apenas como atividade para relaxar, divertir, distrair. “É preciso assumir o lazer como cultura, direito de todos, possibilidade de desenvolver a saúde e a qualidade de vida, formação do individual e do coletivo, capacidade de (re)criação e transformação” (ALVES, 2005, p.3)

Para tal fim, é interessante proporcionar diferentes práticas corporais para os/as estudantes, afim de extrapolarem os muros da escola, para que possam vivenciar sozinhos/as ou coletivamente a prática corporal que se identifica, nos diferentes espaços como: ruas, quadras, clubes, academias.

Para a culminância do projeto, os alunos e alunas podem organizar uma “feira do trabalho e lazer” associando a teoria com a prática; para orientar a

comunidade escolar sobre a importância do lazer, qualidade de vida, saúde, conhecimento sobre o corpo.

5.3 O Museu dos Brinquedos

O Museu dos Brinquedos foi aberto em 2006 com o objetivo de preservar e valorizar a infância no Brasil. Iniciou-se com uma coleção particular da Vovó Luiza; o olhar foi apontado para a valorização do ato de brincar. A instituição desenvolve e implementa vários projetos que visam a valorização e o fortalecimento da infância.

Tudo começa quando Luiza de Azevedo Meyer, nascida em São João Del Rey, no ano de 1912, guardou os seus brinquedos, os dos seus dez filhos e ainda os dos seus 23 netos. Além desses, sempre foi em busca de outros, ela dizia que o brinquedo é o pavio da memória e centelha da alegria. De 1986 a 1999, Luiza fez exposições itinerantes em shoppings, casas de cultura e galeria de arte. Em 2000, Luiza faleceu e a família e amigos prosseguiram com o sonho e criaram o Instituto Cultural Luiza Azevedo Meyer. Em outubro de 2006, o instituto virou Museu dos Brinquedos, localizado na Avenida Afonso Pena 2564, em uma casa do patrimônio histórico da cidade de Belo Horizonte.

Os objetos do acervo do Museu dos Brinquedos compreendem o período do início do século XX até os dias atuais. Em sua maioria, são exemplos da especialização infantil da produção de brinquedos destinados ao uso individual, sendo os mais antigos, contemporâneos ao processo de constituição de uma nova estrutura da família e conseqüente valorização da infância no Brasil, ocorrido ao longo da segunda metade do século XIX e início do XX.

Com aproximadamente 5.000 peças, de procedência nacional e internacional, o acervo é composto, entre outros objetos, de bonecas, carrinhos, carrinhos de bebê, móveis, fogões, louças, máquinas de costura, ferros de passar roupa, trenzinhos, autoramas, velocípedes, pelúcias, cavalos de pau, fantoches, robôs, jogos, brinquedos musicais, livros infanto-juvenis, lanternas mágicas. Atualmente permanecem em exposição aproximadamente 800 exemplares dos mais diversos países.

FIGURA 12 - Casa Museu dos Brinquedos

Fonte: Culturalizabh, 2014, on-line¹³

5.3.1 Porque o Museu dos Brinquedos?

Os jogos e brincadeiras são elementos constituintes da Educação Física, mas nem sempre são lembrados. Ao percorrer cada espaço do Museu dos Brinquedos, observar os objetos e as atividades que acontecem ali, é nítida a relação que esse espaço tem com a Educação Física.

Ao brincar de diferentes formas, podemos fazer nossos alunos e alunas refletirem sobre o sentido do brincar e a possibilidade de ele ser incorporado ao nosso lazer, seja na escola, no clube, na família ou onde quer que nos sintamos dispostos a brincar. Essa pode se tornar uma excelente forma de educar para o lazer com as práticas corporais, uma vez que experimentamos atividades em que a interação com o outro é extremamente importante. Diferentes brincadeiras demandam diferentes habilidades e nos permitem reconhecer que as pessoas são boas em alguns grupos de jogos e brincadeiras e têm dificuldades em outros, nos remetendo não apenas à diversidade de práticas, mas também à diversidade humana e cultural.

A partir dos acervos do Museu dos Brinquedos, percebemos que o homem vem criando diversos jogos e brincadeiras ao longo de sua história, sendo transmitidos de geração para geração. É um espaço que amplia a possibilidade de discussões relacionadas a esse eixo temático como: jogos e brincadeiras de outros

¹³ Disponível em: <<https://culturalizabh.com.br> /> Acesso em: 20 maio 2019.

tempos, espaços e culturas; criação de novos jogos e brincadeiras; memória dos jogos e brincadeiras; a importância do brincar na vida dos sujeitos.

Os jogos e as brincadeiras são ações culturais cuja intencionalidade e curiosidade resultam em um processo lúdico, autônomo, criativo, possibilitando a (re)construção de regras, diferentes modos de lidar com o tempo, lugar, materiais e experiências culturais, isto é, o imaginário.

(CURRÍCULO BÁSICO COMUM, CBC/MG - Educação Física, 2005)

Sendo assim, ao trabalhar esse conteúdo, inúmeras aprendizagens sociais, cognitivas e afetivas acontecem, pois ele permite variadas experimentações. A ida ao museu dos brinquedos com os alunos e as alunas, possibilita trabalhar com temas diversificados relacionados a essa prática corporal.

5.3.2 O Museu dos Brinquedos na escola

O tema jogos e brincadeiras pode ser um projeto a ser desenvolvido com os discentes durante o bimestre/ trimestre e a visita ao museu a culminância desse projeto.

Na escola pode ser trabalhado o tema “jogos e brincadeiras populares” que são aqueles transmitidos de uma geração a outra em determinada região. O avô brincou, o pai aprendeu e ensinou para o filho, a mãe ensinou para a filha e assim sucessivamente. Nessa transmissão, algumas coisas vão se alterando, como por exemplo o nome e as regras.

De acordo com a Base Nacional Curricular Comum (BNCC) 2017, os jogos e brincadeiras não possuem um conjunto estável de regras e, portanto, ainda que possam ser reconhecidos, jogos similares em diferentes épocas e partes do mundo, esses são recriados constantemente, pelos diversos grupos culturais. Mesmo assim, é possível reconhecer que um conjunto grande dessas brincadeiras e jogos é difundido por meio de redes de sociabilidade informais, o que permite denominá-los populares.

Para dar início ao projeto, os professores e professoras podem contextualizar para os alunos e alunas o conceito de jogos e brincadeiras populares: O que são? Quais são eles? Quais já brincaram na infância? Motivar os alunos

alunas com vídeos é uma estratégia interessante para fazer esse resgate. A partir dos questionamentos, solicitar aos alunos e alunas que listem aqueles que eles e elas conhecem e/ou vivenciaram na infância.

Após listarem os jogos e brincadeiras os professores e professoras podem propor para os/as estudantes a vivência nas aulas de Educação Física. Através da prática, conversar com os discentes as características dos jogos e brincadeiras populares e discutir com eles e elas os motivos que ocasionam o esquecimento dessa prática corporal tão rica culturalmente.

Hoje presenciamos uma geração, que cada vez mais se distancia das brincadeiras de rua, por inúmeros fatores como: o aumento da violência urbana e falta de segurança; aspectos da vida cotidiana como a urbanização, que diminui os espaços públicos disponíveis para o brincar; a tecnologia, que possibilita a invenção de novos brinquedos, como os jogos eletrônicos; a indústria do brinquedo que faz propaganda de novos brinquedos, cada vez menos duráveis.

Para entender esses fatores, os professores e professoras podem solicitar aos alunos e alunas uma pesquisa dos jogos e brincadeiras que fizeram parte da infância dos seus familiares (pai, mãe, tio, tia, avô, avó), como era o brincar naquele tempo, os brinquedos da época, entre outros. Após a pesquisa, discutir com os discentes sobre a infância de antigamente e a realidade atual. No final das vivências e discussões, pode ser construído um mural coletivo na escola, com relatos das experiências, pesquisas feitas, informações e a importância do brincar.

5.3.3 No Museu dos Brinquedos

Depois do conteúdo ser trabalhado na escola, a chegada dos alunos e alunas ao museu passa a ser diferente de uma “mera” visita, eles e elas chegam com conhecimento para refletirem, debaterem e questionarem os acervos e o espaço. Ao chegarem ao local, os discentes terão contato com diferentes brinquedos feitos a partir do sec. XX. Proponho, que os alunos e alunas explorem o espaço, vejam os brinquedos, percebam as diferentes épocas de cada um analisando sobre a infância de ontem e a realidade atual, resgatando o que foi discutido na escola.

Após a exploração do espaço e o conhecimento do acervo os professores e professoras podem propor para os estudantes uma roda de conversa, para que

exponham suas percepções, descobertas e reflexões. Alguns direcionamentos podem ser feitos: Como eram os brinquedos de antigamente? Como evoluíram? E agora? O que conseguimos perceber?

O Museu dos Brinquedos possui um espaço intitulado “Pátio de Experimentações: Brincadeiras que despertam o bem” a ideia é conhecer, conviver, partilhar e vivenciar diferentes jogos e brincadeiras populares. Os alunos e alunas têm a possibilidade de experimentar diferentes brinquedos e brincadeiras propostas pela equipe do museu. Se faz importante após as experimentações organizar uma roda de conversa para retomar a discussão sobre o assunto, além disso, ouvir os alunos e alunas sobre a importância do brincar e como se sentiram resgatando os jogos e brincadeiras da infância.

Os jogos e brincadeiras são conteúdos importantes na diversificada cultura brasileira. Ao resgatar como os pais, mães, avós, avôs de alunos e alunas brincavam, pode-se contribuir para uma reflexão sobre as mudanças e permanências culturais em nossa sociedade, hoje.

5.3.4 O Museu dos Brinquedos na volta para a escola

Sugiro aqui, algumas atividades que podem ser trabalhadas na escola para resgatar tudo o que foi discutido e vivenciado durante o projeto.

- Relato de vivências – Os alunos e alunas podem produzir através da escrita ou vídeos, um relato que contenha suas experiências, vivências e percepções antes, durante e depois do projeto. Nesse relato os estudantes podem utilizar materiais produzidos por eles e elas durante as aulas e visita ao museu. Cabe aqui, no início do projeto orientar os discentes para a produção desses materiais durante todas as aulas.

- Museu de jogos, brinquedos e brincadeiras – os professores e professoras podem propor para os alunos e alunas a construção de um museu na escola para que os estudantes, professores e professoras, demais funcionários e funcionárias visitem, conheçam ou relembrem jogos, brinquedos e brincadeiras da infância.

O museu pode ser montado com acervos da própria família dos estudantes, fotos e vídeos produzidos no Museu dos Brinquedos, desenhos, relatos

de vivências da infância dos funcionários e funcionárias da escola. Ao final da visita, ao museu criado pelos alunos e alunas, podem ser escolhidos jogos e brincadeiras para vivenciar com os visitantes. Assim, os alunos e alunas participantes do projeto, passam a ser os/as protagonistas ensinando todo o conhecimento que foi construído juntamente com os docentes.

Utilizar o Museu dos Brinquedos como vivência dentro do contexto das aulas de Educação Física é mais uma forma de aprendizagem, o que pode tornar a visita significativa para os/as estudantes. Uma visita envolve não apenas o conteúdo formal, mas também pode provocar mudanças na percepção dos alunos e alunas que se deslocam no espaço e no tempo. O Museu é um importante instrumento no processo de educação do sujeito, contribuindo para o desenvolvimento de sua aprendizagem e capacidade crítica.

6 PRODUTO

O produto é uma exigência do Mestrado Profissional em Educação e Docência da Faculdade de Educação (FAE) – UFMG. Apresenta como proposta a produção de um texto dissertativo e de um objeto de aprendizagem (pequeno livro, manual de atividades, jogos educativos, sequência didática, documentários entre outros), desenvolvido a partir da pesquisa visando contribuir para a prática profissional de professores e professoras.

Para atender à proposta, o produto é um guia com itinerários para Educação Física em três museus de Belo Horizonte: Museu do Futebol, Museu dos Brinquedos e Museu de Artes e Ofícios com propostas de experiências e reflexões em cada espaço.

São atividades não como um “guia de receita”, mas sim com temas sugestivos relacionados à Educação Física que possam ser trabalhados na escola, no momento das visitas e também na volta à escola.

Além desse guia, posteriormente o objetivo é a construção de um site ou blog para que se mantenha a ideia “viva”, pois os professores e professoras, além de terem acesso às informações citadas, poderão participar narrando suas experiências e colocando suas sugestões de atividades no museu e na escola, tornando então um espaço de interação entre os pares.

É interessante que os espaços museológicos sejam explorados pelos professores e professoras de maneira crítica para não ser apenas um local de visita com uma visão rasa do que é exposto ali.

Acredito que o produto, um *Itinerário para a Educação Física em Museus de Belo Horizonte*, pode ser uma ferramenta importante para estimular os professores, professoras, alunos e alunas, além de provocá-los/as a outras práticas.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa teve como objetivo produzir o guia “Itinerário para a Educação Física Escolar: Explorando os Museus de Belo Horizonte”. Para tanto, busquei entender o debate teórico acerca dos espaços museu x educação e museu x escola, com o objetivo de compreender qual é a importância desses espaços para a formação dos alunos e alunas e como eles podem relacionar-se às práticas corporais da Educação Física Escolar.

Durante a pesquisa, não encontrei materiais específicos sobre Educação Física e museu, sendo assim, enquanto professora, explorei os museus de Belo Horizonte: Museu do Futebol, Museu de Artes e Ofícios e Museu dos Brinquedos, pensando como a disciplina poderia ocupar esses espaços; não como um simples passeio que se inicia e encerra ali, mas que comece na escola, vá para o museu e volte à escola, munidos de toda bagagem recém-adquirida para que assim os alunos e alunas possam entender, refletir e discutir sobre os acervos visitados em cada espaço e além disso, perceber a potencialidade da Educação Física escolar e seus diversos prismas.

Busquei na dissertação, estabelecer um diálogo com os professores e professoras, compartilhando meus anseios e minhas experiências docentes afim de reafirmar minhas concepções em relação a Educação Física escolar, para justificar o seu ensino também nos espaços museológicos.

O Museu do Futebol e o Museu dos Brinquedos foram escolhidos devido à aproximação com os conteúdos da Educação Física escolar: futebol, jogos e brincadeiras. Já o Museu de Artes e Ofícios, a escolha surgiu no decorrer do processo, em conversas informais com colegas, professores e professoras, que questionaram como trabalhar a Educação Física em museus que a princípio são explorados por outras disciplinas? o MAO foi citado como exemplo. A partir disso, aceitei o desafio.

A proposta foi pensar em temas sugestivos que se relacionasse com cada espaço, para ampliar o repertório dos alunos e alunas. Acredito que as práticas corporais da disciplina precisam ir além do fazer, cabe aos professores e

professoras problematizar, interpretar, relacionar, e analisar junto aos alunos e alunas as diversas manifestações da cultura corporal.

Para dar conta desse processo, busquei não só referências que fazem parte da minha prática docente, mas também temáticas já desenvolvidas com meus alunos e alunas do ensino médio.

Essa pesquisa não se encerra aqui. Quero continuar explorando outros museus de Belo Horizonte, com o objetivo de construir novas edições do guia, para auxiliar os professores e professoras em suas práticas docentes.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, R.A., PORTELA, L.M.A relação museu/escola e as potencialidades pedagógicas de um museu de artes. PLURES HUMANIDADES (RIBEIRÃO PRETO) ON LINE, v 16, p. 171-186,2015.

ALVES, Vânia F. N. **Ginástica, consumo e mídia "Corpo ideal": padrões impostos pela cultura.** Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

ALVES, Vânia F. N. **O esporte como fenômeno sociocultural** Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

ALVES, Vânia F.N. **O corpo na ginástica.** Centro de Referência Virtual do Professor – SEE-MG,2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

ALVES, Vânia F.N. **O esporte como fenômeno sociocultural.** Centro de Referência Virtual do Professor – SEE-MG,2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 14 de setembro de 2019.

BETTI, Mauro; ZULIANI, Luiz R. Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas. Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes, São Paulo, 1(1),73-81, 2002.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. Programa Educação Inclusiva: Direito a Diversidade. A escola. Brasília 2008.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC20dezsite.pdf>. Acesso em: 06 de novembro de 2019.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional. Lei nº 9394.* Brasília, MEC, dez. 1996.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Educação Física.* Brasília: MEC/SEF, 1997.

COELHO, Erica Andreza. A relação entre museu e escola. Lorena: Unisal, 2009.

DESVALLÉES, André, e François Mairesse, eds. 2013 *Conceitos-chave de Museologia.* Tradução de Bruno Brulon Soares e Marília Xavier Cury. ICOM. Armand Colin. ISBN: 978-85-8256-025-9.

FARHAT, Damian Guimarães Konopczyk Maluf. As diferentes concepções de corpo ao longo da história e nos dias atuais e a influência da mídia nos modelos de corpo de hoje. 2008. 30 f. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Educação física)

- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2008. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/118970>>. Acessado em 20 de dezembro de 2019.

FOCHESATTO, C. M. Imagem do museu: educação patrimonial na educação básica. Aedos: Revista do Corpo Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFRGS (Online), v. 4, p. 221-251, 2012.

LEWIS, Geoffrey. O Papel dos Museus e o Código de Ética Profissional. In: Conselho Internacional de Museus (Org.). Como Gerir um Museu: Manual Prático. França, 2004. p. 01-16

MARANDINO, M. Interfaces na relação museu-escola. Cad.Cat.Ens.Fís.v. 18, n.1: p.85100, abr. 2001. Disponível em <https://periodicos.ufsc.br/index.php/fisica/article/view/6692/6159>. Acesso em:28 jan.2019.

MINEIRÃO. Museu do Futebol. Disponível em: <http://estadiomineirao.com.br/museu-e-visita>. Acesso em 26 de abril de 2019.

MUSEU DE ARTES E OFÍCIOS. Disponível em: <https://www.mao.org.br/>. Acesso em 30 de abril de 2019.

MUSEU DOS BRINQUEDOS. Disponível em: <http://www.museudosbrinquedos.org.br/museu>. Acesso em 20 de maio de 2019.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. O MUSEU NA SALA DE AULA: propostas para o planejamento de visitas aos museus. TEMPO E ARGUMENTO, v. 04, p. 63-81, 2012.

PEREIRA, J.S., Siman, L, M, C., Costa, C M., Nascimento, S. S. (2007). Escola e museu: diálogos e práticas. Secretaria de Estado de Cultura, Superintendência de Museus, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais/ Cefor.

SCHALL, Virgínia T. Educação nos museus e centros de ciência: a dimensão das experiências significativas. In: Workshop: educação em museus e centros de ciência. Rio de Janeiro: Fiocruz, p. 13-24, 2003.

SILVA, SILVIO RICARDO DA; CORDEIRO, L. B. (Org.) ;Campos. P.A. F (Org.). O ensino do futebol: para além da bola rolando. 1. ed. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2016. v. 1. 235p

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco **O corpo no esporte**. Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco. **Influência da mídia no esporte**. Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

SILVEIRA, Guilherme Carvalho Franco. **Jogos e brincadeiras como fenômeno sociocultural**. Centro de Referência Virtual do Professor - SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

SOTO, Alessandra Silva Correia. O museu como espaço educativo: uma proposta metodológica para o Museu Oceanográfico Univali. 2008. 103 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade do Vale do Itajaí, Itajaí, 2008.

SOUSA, Eustáquia S.; BRANDÃO, Maria G. C.; TEIXEIRA, Aleluia H. L.; ALVES, Vânia F. N. *Educação Física: proposta curricular – Educação Básica*. Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais, p.4-59, 2005.

TEIXEIRA, Aleluia Heringer Lisboa. **A História**. Centro de Referência Virtual do Professor – SEE-MG, 2005. Disponível em: <http://crv.educacao.mg.gov.br/>. Acesso em 10 de setembro de 2019.

VALEJO, Andreia dos Santos. **Além dos muros da escola: Uma relação entre a educação física escolar e saúde**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre 2015